

## **38. Vi que minha mãe estava desistindo**

Nara Aniká dos Santos

Meu nome é Nara Aniká dos Santos, sou indígena da etnia Karipuna, mãe da Renata, de 4 anos, e do Pietro, de 11 anos, trabalho como professora na Escola Estadual Jorge Laparrá, na Aldeia Manga, onde nasci e moro com minha família. Gostaria de compartilhar com todos como estamos vivendo e aprendendo com a pandemia do coronavírus. Estamos em isolamento social desde a metade do mês de março, quando foram confirmados os primeiros casos de coronavírus aqui no estado do Amapá e na Guiana Francesa. Logo vieram a paralisação das aulas escolares, o fechamento das igrejas, reuniões e trabalhos comunitários foram suspensos, quaisquer atividades com aglomeração foram proibidas na aldeia. Imaginem como segurar dentro de casa as crianças que estavam acostumadas a viver livres dentro da aldeia: e os banhos de rios? E as idas na casa da vovó? As subidas em árvores, onde comiam frutos direto das árvores? Enfim, nossa rotina mudaria completamente.

Apesar de ficar isolada em casa com os meus filhos meus dias eram preocupantes porque meu marido continuou trabalhando, fazendo frete, levando e trazendo os indígenas que precisavam ir até o Oiapoque comprar os alimentos e produtos. Então, de qualquer jeito, corríamos o risco, mas, graças a Deus, nenhum de nós apresentou os sintomas da COVID-19. Muitos da minha família contraíram o vírus mas já estão recuperados, inclusive a minha mãe, que era a que eu mais temia, por ela ser do grupo de risco. Foram três longas semanas de medo e de angústia... Minha mãe é uma senhora forte, mas vi que esse vírus é tão forte que eu pude ver, nas lágrimas de minha mãe, que ela estava desistindo, que ela estava se entregando, e isso me fez pensar o pior... mas graças a Deus, com a ajuda dos meus irmãos e a assistência no posto da aldeia, ela foi logo medicada e seguiu todas as orientações médicas e, hoje, ela está bem, recuperada e curada desse vírus.

Diante de tudo isso tiramos algumas lições, entre elas a valorização do conhecimento tradicional dos mais velhos pois, depois do surgimento dos primeiros casos positivos na aldeia, muitos recorreram a medicina tradicional – que estava tão esquecida ultimamente – para amenizar os efeitos da doença, fizeram o chá de raízes e frutos de plantas encontradas em nossa região. Outra lição é que nós devemos nos manter unidos enquanto indígenas,

enquanto seres humanos, unidos e esperançosos para que a história não se repita, pois há mais de 500 anos nossos antepassados foram dizimados por doenças trazidas pelos colonizadores. Obrigada, saúde para todos!

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

25 de junho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza